

Coluna do Castello

Sarney toma posse

ALGUNS ministros parecem não ter aprendido a lição de sabedoria política legada por um de seus antecessores na Justiça. O ministro Petrônio Portela proclamava, realista, não ter o costume de agredir os fatos. A uma semana do anúncio oficial do novo ministério e com quase todas as vagas, a essa altura, praticamente preenchidas, há um fato evidente, irretocável, capaz de ser enxergado por um cego: o presidente Sarney escalou, finalmente, uma equipe de governo sua. Marcadamente sua.

Apesar da oposição ou da descrença de determinados ministros, em trânsito para a bancada dos adversários do governo, temos em acelerado processo de formação um ministério de Sarney — mais homogêneo e coeso do que o atual, mais solidário ao presidente e, sem dúvida, com um perfil nitidamente conservador. Por qualquer conta que se faça, salvo uma brusca e inesperada alteração de curso na reta final da reforma, saem derrotados o deputado Ulysses Guimarães, o seu partido e, dentro dele, a esquerda.

A ida de Marco Maciel para o Gabinete Civil da Presidência da República significa uma dupla derrota para o PMDB. O partido perdeu o cargo que imaginava ser seu, e assiste sua ocupação por um dos mais hábeis e competentes quadros do PFL. Recentemente, o PMDB contemplara, impotente, o PFL abocanhar o poderoso Ministério das Comunicações com o poderoso ministro Antônio Carlos Magalhães. O Ministério da Indústria e do Comércio parecia ontem à tarde quase no bolso do PFL.

Não bastasse isso, o PMDB perdeu o Ministério dos Transportes e entrou pela noite brigando pela posse do Ministério da Educação. Perdeu a chamada esquerda do PMDB com algumas das trocas até agora efetuadas e com a recusa presidencial a nomes oferecidos. Sai Fernando Lyra, entra Paulo Brossard. Sai Pedro Simon, entra Iris Resende, que faz o gênero populista. Os substitutos de Waldir Pires e de Nelson Ribeiro, este mais desastrado do que de esquerda, deverão se parecer pela moderação. Amarga o deputado Ulysses Guimarães o insucesso de não ter conseguido vagas para Severo Gomes, Euclides Scalco, João Gilberto, Rafael de Almeida Magalhães e Fernando Henrique Cardoso. Ulysses recebeu, ontem pela manhã, um telefonema do senador Nelson Carneiro cobrando o ministério do Rio de Janeiro. "Continuo tentando", respondeu o deputado, que ainda não desistira de tentar a promoção de Fernando Henrique e a manutenção, ainda incerta, no Planejamento, de João Sayad.

O aflito ministro do Planejamento entrou e saiu de uma audiência com o presidente sem saber se ficará ou não no cargo. Sarney nada lhe disse. Em compensação, disse à deputada Ruth Escobar, no café da manhã, que dificilmente Fernando Henrique ganhará o lugar de Marco Maciel na Educação porque São Paulo tinha três ministros. E citou-os: Funaro, Sayad e Pazzianotto. Dificilmente, também, o Rio de Janeiro terá um ministério como querem o PMDB e o PFL cariocas.

Se perdem, com a reforma ora em curso, o PMDB, seu presidente e a esquerda, não ganha, necessariamente, o PFL ou qualquer liderança isolada. O governador Franco Montoro sugeriu o nome de quatro secretários do seu governo — não emplacou nenhum. O governador José Richa brigou pelo Ministério dos Transportes — Sarney preferiu dar o Desenvolvimento Urbano para o Paraná. O PMDB gaúcho, liderado por Pedro Simon, empenhou-se em segurar o Ministério da Agricultura.

Sem que Ulysses tivesse sido previamente informado, Sarney convidou Iris Resende para a vaga de Simon, que só conheceu o nome do seu sucessor através de um emissário de Iris. Tenha o ministério a configuração final que tiver, ele será de inteira e exclusiva responsabilidade de Sarney. A obra terá sua assinatura solitária. Ele manteve os ministros que quis, convocou os que desejava e que estavam disponíveis e acatou as sugestões que quis acatar.

Naturalmente, foi buscar os ministros dentro dos partidos que sustentam o governo — e, entre as legendas, privilegiou a do PMDB, a de maior expressão no Congresso. Mas Sarney, além de comandar e de ditar o ritmo do processo, permitiu-se, inclusive, engordar a cota de auxiliares do presidente escolhidos independentemente de filiação partidária. Dílson Funaro inaugurara a cota, que se amplia, agora, com a união de Brossard, José Reinaldo, Jorge Bornhausen e — por que não? — Marco Maciel.

A reforma do ministério só tem um vencedor: o presidente da República, que reafirma sua liderança e assume, enfim, a cadeira que o destino lhe reservou. O governo do presidente Tancredo Neves tem dia certo para ser sepultado: a próxima sexta-feira, quando terá início, de fato, o governo do presidente Sarney. Virão depois, como já observou o conselheiro Acácio, as consequências de tamanha exibição de autoridade. Julga-se o presidente, contudo, preparado e forte para administrá-las.

Imagem: [illegible]